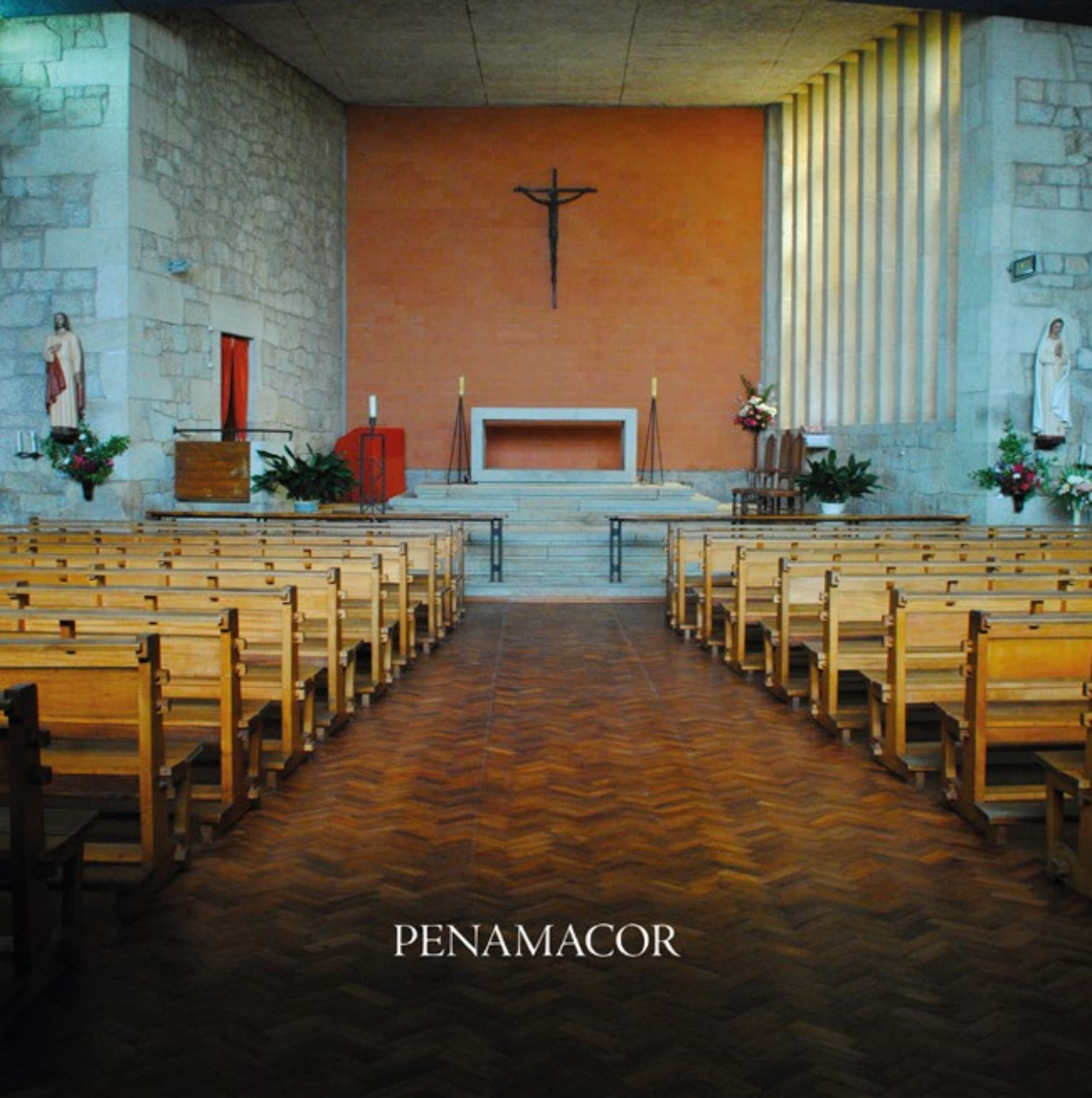


IGREJA DE — ÁGUAS —



PENAMACOR

IGREJA DE ÁGUAS

PENAMACOR

AUTORIA Alunos do 12º ano do Curso Profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural: Ângelo Amaral; Carina Costa; Carina Cerdeira; Catarina Silva; Cláudio Gonçalves; Filipe Ramos; Márcia Gonçalves; Mariana Lucas; Marta Carlos.

COORDENAÇÃO António Canoso – Professor de História da Cultura e das Artes

AGRADECIMENTOS António Pires Salvado; Isabel Maria Próspero Lourenço; João José da Silva Cunha

EDIÇÃO Câmara Municipal de Penamacor

COORDENAÇÃO Joaquim Nabais

DESIGN Vítor Gil

ISBN 978-989-99016-3-6





Índice

07	Nota Prévia
09	Prefácio
10	Introdução
12	O Mecenaz
15	O arquiteto
25	IGREJA DE ÁGUAS
25	A obra e o contexto
41	As Parcerias
42	Painel cerâmico do Baptistério
46	A Via Sacra
50	A estatuária ornamental
52	O cromatismo
55	O crucifixo de Jorge Vieira
57	Conclusão
59	Bibliografia



Nota Prévia

Bom, é quando ao Autarca só cumpre enaltecer. Melhor, é quando numa assentada se oferece o ensejo de concretização de um triplo enaltecimento através de uma modesta mas intencional publicação. Enaltece-se em primeiro lugar o professor António Canoso, os seu alunos e, de um modo geral, o Agrupamento de Escolas Ribeiro Sanches, que compilaram a matéria para o presente trabalho; enaltece-se o cidadão exemplar e o arquitecto social e politicamente comprometido que foi Nuno Teotónio Pereira, que, quis o destino, veio um dia construir uma igreja a Águas; enaltece-se o património, pois que, desta forma, se traz à evidência e se impõe aos olhos mais distraídos e às consciências adormecidas. Às vezes, apenas por puro desconhecimento. Esta brochura virá certamente fazer mais luz sobre a igreja de Águas e chamar a atenção para a jóia arquitectónica que o tempo vem revelando.

António Luís Beites Soares
Presidente da Câmara



Prefácio

Os alunos do curso profissional Técnico de Turismo Ambiental e Rural propuseram-se construir, no ano letivo 2012/2013, um guia para uma visita a Penamacor e mais concretamente à Igreja de Stº António, pretendendo desta forma contribuir para uma melhor divulgação deste riquíssimo monumento da vila de Penamacor.

Foi uma iniciativa que resultou do empenho dos alunos, dos professores e da restante comunidade escolar que assim puderam aplicar os conhecimentos adquiridos nas aulas, participando ao mesmo tempo na vida da comunidade em que se insere.

Dando continuidade ao seu trabalho e imbuídos do mesmo espírito, construíram no presente ano letivo um guia sobre a Igreja de Nª Sr.ª de Fátima de Águas, a igreja das Águas, como é conhecida, um dos edifícios religiosos mais importantes da história da arquitetura portuguesa do século XX, com a finalidade de dar a conhecer uma das obras emblemáticas do concelho de Penamacor, da responsabilidade do arquiteto Nuno Teotónio Pereira e acerca da qual, até aqui, pouco conhecíamos.

É mais uma iniciativa que ajuda a promover o turismo na nossa região, divulgando o seu património histórico e cultural.

A Diretora
Maria Helena Pinto

Introdução

Quem visita a página eletrónica do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR) encontra a seguinte informação sobre a igreja de Águas - *Proteção/Situação Atual: Procedimento caducado - sem proteção legal. Procedimento caducado nos termos do artigo 78.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, DR, 1.ª série, N.º 206 de 23-10-2009. Despacho de abertura de 15 12-2004 do Presidente do IPPAR. Proposta de abertura de 27-09-2004 da DR Castelo Branco. Despacho n.º 67/2004 - PRES., de 18-06-2004, do Presidente do IPPAR a determinar que se estude a eventual classificação com carácter de urgência.* No mesmo sentido, a página web do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) esclarece: *Categoria: Monumento. Proteção: Inexistente. Grau: 5 - registo em pré-inventário com um preenchimento mínimo dos campos (...) e pressupondo a existência de um registo iconográfico. Cronologia: 1957 - inauguração do imóvel, cuja planta se deve ao projeto de Nuno Teotónio Pereira; estudo da cor de Frederico Henrique George; crucifixo executado pelo escultor Jorge Vieira; 2004 - despacho do presidente do IPPAR para que se estude a eventual classificação do edifício com carácter de urgência; 27 setembro - proposta de abertura do processo de classificação pela Direção Regional de Castelo Branco; 15 dezembro - despacho de abertura pelo presidente do IPPAR; 2009, 23 outubro - o processo de classificação do edifício caduca, nos termos do artigo 78.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, DR, 1.ª série, n.º 206, publicado nesta data.* Em comum a mesma preocupação: *sem proteção legal.*

Se o património é a herança coletiva que projeta o Homem para a eternidade, como qualificar a responsabilidade dos coevos na preservação e transmissão do legado cultural? Como exigir ao comum cidadão que valorize a sua herança patrimonial quando os organismos oficiais parecem desinteressados? Aos que não concebem outra realidade que não a da preservação e valorização resta-lhes a indignação.



↳ Fase de construção da torre sineira

A igreja de Nossa Senhora de Fátima em Águas reflete um tempo sem rumo, onde o valor da memória coletiva cedeu à espuma dos dias. Negligenciada por uns e incompreendida por muitos, transformou-se numa quase não-existência. Contudo, ela vale por si e em si, detendo todos os predicados dignos da menção de joia da Arquitetura Moderna Portuguesa, à boa maneira do Estilo Internacional enunciado pela Carta de Atenas, sem esquecer os valores da tradição e de contexto.

Urge negar à indiferença o que é diferente. Conhecer para valorizar, eis o propósito que colocará à prova a nossa determinação.

O Mecenaz

Falar da igreja de Nossa Senhora de Fátima em Águas implica, obrigatoriamente, invocar o seu patrono, a Casa Megre, representada pelos irmãos Domingos, Maria da Glória e Maria de Lourdes, pessoas de esmerada formação e sensibilidade artística (Maria de Lourdes, p. ex., pintava tecidos de seda).

Domingos Megre, homem audacioso que para a sua terra sonhou condigno e ousado templo, precursor de profundas transformações, capaz de perpetuar a memória dos padroeiros e honrar o génio do criador. Espírito culto e viajado para os padrões da época, conforme atestam os registos de pedido de passaporte ao Governo Civil de Castelo Branco, a partir de janeiro de 1926, com uma cadência quase anual e destinos repartidos por diversos países da Europa, era filho de José Tomaz Mendes Megre Resthler e Isabel Maria Ferraz Carvalho Megre. Licenciou-se em Direito, mas nunca exerceu, dedicando-se à administração da Casa Megre e vivendo longas temporadas em Paris. Deambulando pela Europa culta terá contactado com as grandes transformações que se operavam no mundo da arte e da arquitetura decorrentes das Vanguardas, onde pontuavam pintores como Picasso, Matisse, Munch, Kandinsky ou Dali,



↳ Os irmãos fundadores: Domingos Megre e Maria de Lourdes Megre



e arquitetos como Corbusier, Gropius ou Van der Rohe, estes responsáveis pela grande revolução urbanística e arquitetónica da primeira metade do século XX, da qual a Carta de Atenas constituiu manifesto urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), realizado em Atenas no ano de 1933 e que teve como tema A Cidade Funcional. Nele se examinaram aspetos da arquitetura contemporânea, prevalecendo o ponto de vista dos franceses em geral, e de Le Corbusier em particular, tendo os delegados italianos introduzido o tema do património histórico com vista à sua preservação e valorização. Fundados na Suíça em 1928, os CIAM foram responsáveis pela definição daquilo que costuma ser chamado *International Style*, introduzindo e ajudando a difundir uma arquitetura considerada limpa, sintética, funcional e racional. Consideravam também a arquitetura e urbanismo como *um potencial instrumento político e económico, o qual deveria ser usado pelo poder público como forma de promover o progresso social*.

O documento final, redigido por Le Corbusier, define praticamente o conceito de urbanismo moderno, traçando diretrizes e fórmulas que, segundo os seus autores, seriam aplicáveis internacionalmente. A Carta considerava a cidade como um organismo a ser concebido de modo funcional, na qual as necessidades do Homem deveriam estar claramente colocadas e resolvidas. Define ainda o património como um testemunho do passado, que deveria ser respeitado por seu valor histórico ou sentimental e pela sua virtude plástica, condenando o emprego de estilos passados, sob pretexto estético, em novas edificações de zonas históricas, sob pena de desvirtuarem os vestígios originais.

Domingos Megre, inteligência viva e dinâmica, encontrava-se um passo à frente no seu tempo e lugar. Contactando com novos mundos, neles se soube integrar sem cair na tentação fácil de a eles se entregar, renunciando às origens.

↳ Domingos Megre com o pároco





↳ Perspetiva da antiga e da nova igreja na fase final das obras

Sorveu as transformações em curso e idealizou-as para a sua aldeia natal. Em Águas encontramos materializada a Carta de Atenas e as reflexões sobre ela introduzidas no pós-guerra, bem como os ideais de renovação da Igreja Católica que o Concílio Vaticano II iria passar a letra de forma na década seguinte.

Isabel Maria Próspero Lourenço, antiga governanta da Casa Megre, fala da personalidade dos irmãos com brilho no olhar: *Eram pessoas muito humildes, recebiam toda a gente e não eram de exibicionismos*. Opinião corroborada por António Pires Salvado, filho do construtor, *uma pessoa bondosa*. Questionada sobre o porquê da encomenda da

igreja, Isabel Maria invoca a devoção dos irmãos, *muito religiosos, e como a antiga igreja, (atualmente a casa mortuária da freguesia), era muito pequena e não tinha condições, os irmãos decidiram contribuir com 2.000 Contos iniciais e com o terreno para a construção da Igreja, uma vez que pretendiam deixar uma obra à freguesia*. Quanto ao projeto inicial refere que *não constava a construção das três capelas laterais, mas que a família fez questão de as acrescentar: a capela de São Domingos, em homenagem ao Dr.º Domingos Megre; a capela da Sr.ª de Lourdes, em honra à Sr.ª Lourdes Megre, e a Capela de São José, em memória ao pai dos três irmãos Megre*. Em jeito de conclusão, é com visível tristeza que salienta a postura do povo face à obra: *para além de não contribuírem com nada, a população menos instruída ainda criticava, pensando que se tratava de um café ou restaurante, havendo apenas uma parte mais instruída que acharam a obra uma arquitetura revolucionária, acrescentando que ainda hoje há quem critique a igreja*.

O arquiteto

A vida de Nuno Teotónio Pereira, nascido em Lisboa no dia 30 de janeiro de 1922, marcou de modo inquestionável toda a segunda metade do século XX português, a ponto de nenhuma História de Portugal desse período poder ficar completa sem frequentes referências à sua pessoa, que desde cedo revelou uma natural atenção pelos outros, materializando-a em iniciativas que procuravam mudar para melhor o mundo que o rodeava (in Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura).

Diplomado com 18 valores pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, em 19 de Abril de 1949, colaborou com o ateliê do Arquiteto Carlos Ramos, entre 1940 e 1943, e com a Técnica, Revista de Engenharia dos Alunos do Instituto Superior Técnico, a partir de Maio de 1943, para ela traduzindo o capítulo A Arquitetura e a Engenharia na Construção, inserto na obra *La Maison des Hommes*, do arquiteto francês Le Corbusier, bem como A Carta de Atenas, em parceria com o colega Manuel Costa Martins.

Ainda arquiteto estagiário participou no I Congresso Nacional de Arquitetura de 1948, apresentando, em coautoria com o supracitado Costa Martins, a comunicação *Habitação Económica e Reajustamento Social*, onde afirma: *É do conhecimento geral a premente necessidade de habitações – um dos mais tremendos problemas da época. Uma enorme parte da população está alojada em condições que não satisfazem as mais fundamentais exigências psicofisiológicas do Homem. Entre outros, ao Congresso assistiu o mérito de*





↳ Nuno Teutónio Pereira e Ana Tostões em Penamacor, 2004

contestar a sujeição da arquitetura e dos arquitetos aos cânones do regime, abrindo caminho a uma nova forma de pensar a arte e a profissão, com Pardal Monteiro e Keil do Amaral a cumprirem a transição entre a primeira e a segunda vaga do Modernismo em Portugal.

O tema da habitação social, onde trabalhou continuamente como consultor de Habitações Económicas na Federação das Caixas de Previdência, entre 1948 e 1972, constituiu uma das suas maiores paixões, permitindo-lhe colocar o seu saber ao serviço dos mais necessitados através de iniciativas como o Primeiro Concurso de Soluções Arquitetónicas para Habitação de Renda Controlada ou o relatório do Primeiro Plano Sectorial de Habitação, Plano Intercalar de Fomento, documento oficial onde, pela primeira vez, são expostas as carências



↳ 1º Congresso da União Internacional dos Arquitectos, em Lausana, Junho de 1948 (na 3ª fila, da esquerda para a direita, Januário Godinho, Fernando Mesquita e Nuno Teutónio Pereira)



↳ Parte do grupo promotor do MRAR (Movimento de Renovação de Arte Religiosa), desenho de José Escada, 1958 (da esquerda para a direita, Madalena Cabral, Flório de Vasconcelos, José Maya Santos, Diogo Lino Pimentel, António de Freitas Leal, António Lino, Nuno Teutónio Pereira, Manuel Cargaleiro e, de costas, José Escada)

habitaçãois do país e que Sophia de Mello Breyner sintetizou na frase “A regra a seguir é esta: uma casa para todos e beleza para todos”.

Sob proposta dos arquitetos Formosinho Sanches e Chorão Ramalho é admitido, em 3 de junho de 1949, ao Sindicato Nacional dos Arquitetos (SNA). Em parceria com outros arquitetos e artistas plásticos, fundou, em 1952, o Movimento para a Renovação da Arte Religiosa (MRAR), cuja ação propunha uma arte religiosa de cariz pastoral, moderna, em contraponto aos modelos tradicionais em voga.

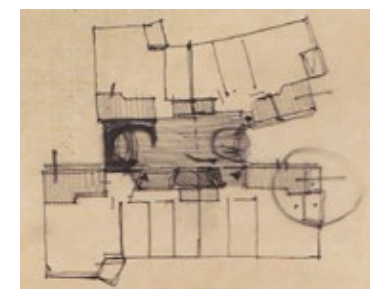
Com Francisco Lino Neto constitui, no ano de 1954, a Cooperativa de Construção e Habitação, que justifica com a *situação grave do problema da habitação em Lisboa para as classes economicamente fracas*. Da comissão organizadora faziam ainda parte Bartolomeu Costa Cabral e José António Esteves da Costa. Tratava-se de um projeto revolucionário que propunha continuar a sua ação após o término da construção *no sentido de fazer da habitação em vizinhança uma escola de educação e auxílio recíproco*.

Em finais da década de 50 torna-se colaborador da Associação de Inquilinos Lisbonenses, ao tempo dirigida pelo antigo líder anarco-sindicalista Emídio Santana, tendo colaborado, em 1957, na organização da exposição O Cooperativismo Habitacional no Mundo, realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), nela exibindo o projeto de um módulo habitacional com maquete à escala real.

Durante a campanha eleitoral de Humberto Delgado à Presidência da República, 1958, subscreve manifestos católicos contra a ditadura, especificamente uma Carta Aberta ao jornal Novidades (católico), na qual um grupo de assumidos católicos manifesta o seu desagrado pelo apoio concedido por este diário ao candidato da União Nacional, negando assim a submissão da toda a Igreja e de todos os Católicos à vontade política do regime e assumindo-se como a primeira grande rutura entre a Igreja e o Estado Novo. No rescaldo desta campanha, subscreve o manifesto A Posição de Alguns Católicos, assinado por 101 cidadãos, provocando forte reação de vários sectores da Igreja afetos ao regime.



↳ Habitação, Torre dos Olivais Norte



↳ Planta, Torre dos Olivais Norte



↳ Conjunto de casas de renda económica, Alhandra planta das habitações



↳ Edifício "Franjinhas",
Rua Castilho, Lisboa
(prémio Valmor)



↳ Igreja paroquial
de Almada

Entre 1955 e 1960, participou no Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa, constituindo equipa com António Pinto Freitas e Francisco da Silva Dias, tendo executado o levantamento da Zona 4 – Estremadura, Ribatejo e Beira Litoral.

O advento da Guerra Colonial leva-o a intervir mais direta e sistematicamente na contestação ao Estado Novo, inserido no Movimento Católico Progressista, onde foi cofundador do boletim clandestino Direito à Informação, que, entre 1963 e 1969, divulgou informações sobre o conflito e defendeu o direito dos povos colonizados à autodeterminação. Na segunda metade dos anos 60, organiza passagens clandestinas de jovens desertores pela fronteira de Marvão, aproveitando o facto de ali possuir uma casa desde 1965.

A Crise Académica de 1962, na universidade de Lisboa, leva Teotónio Pereira e outros sócios do SNA a enviarem ao Ministro das Corporações e Previdência Social um documento de alerta sobre a gravidade dos acontecimentos, dele exigindo rápida intervenção.

Em parceria com outros católicos funda, no ano de 1964, a cooperativa de difusão cultural e ação comunitária Pragma, cujo objetivo primeiro consistia em fomentar um amplo debate social em torno da encíclica Pacem in Terris, lançada pelo Papa João XXIII, no ano anterior. Esta Cooperativa

desenvolveu intensa atividade até 1967, ano em que foi encerrada pela PIDE e os seus dirigentes presos sob uma onda de protestos no país e no estrangeiro. Em Outubro de 1966 é nomeado representante do SNA para uma Comissão do Ministério do Ultramar, destinada a estudar a jurisdição deste organismo nas províncias ultramarinas.

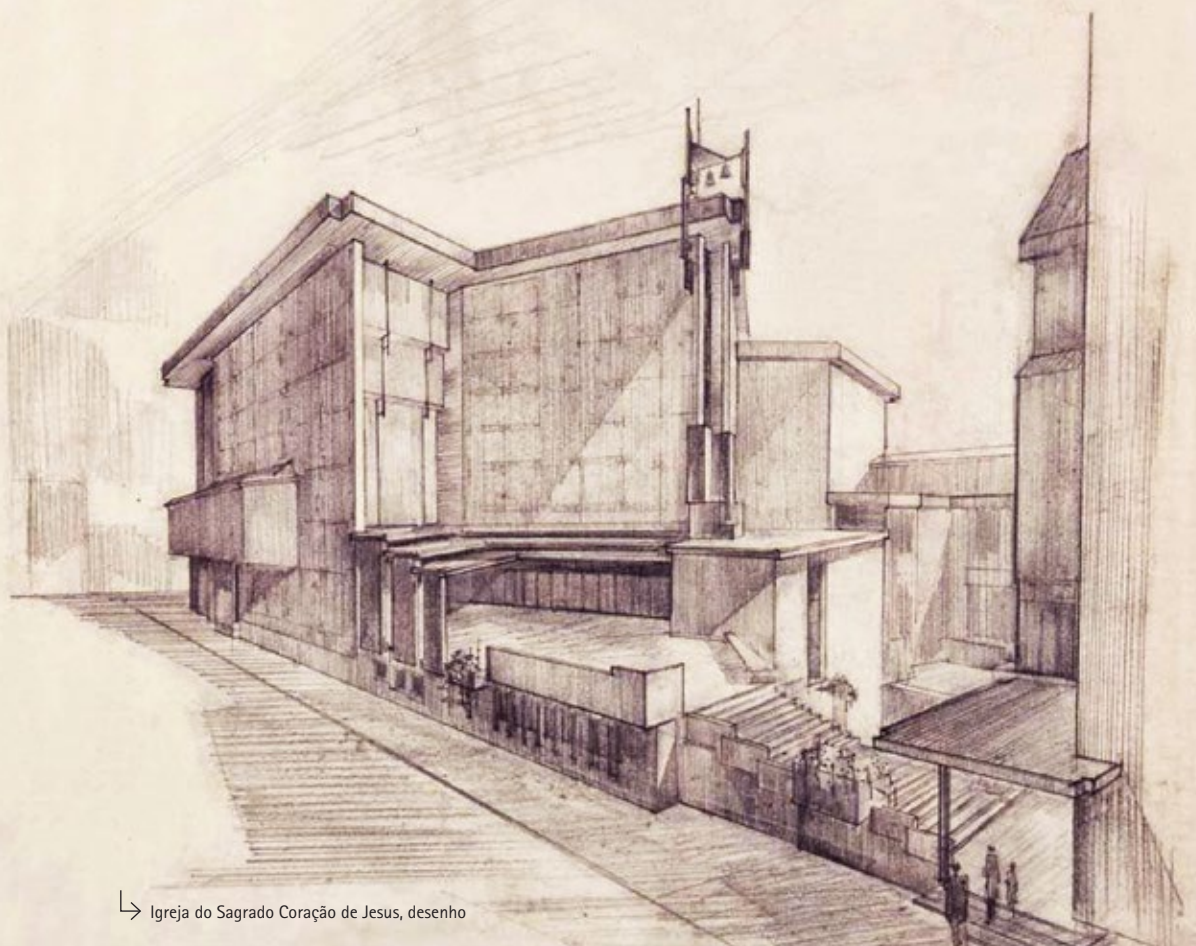
Embora já fazendo parte dos Corpos Gerentes do SNA desde 1957, em 1969 foi eleito para o seu Conselho Disciplinar, nunca chegando a tomar posse por recusa de homologação pelo Ministério das Corporações. Da lista faziam também parte Bartolomeu Costa Cabral, Luís Vassalo Rosa, Carlos Roxo e Raul Cerejeiro. 1969 marca também o ano em que concorre pela CDE – Comissão



↳ Altar da igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa

Democrática Eleitoral, às eleições para a Assembleia Nacional, pelo distrito de Portalegre. Nesse mesmo ano participa igualmente na fundação da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, comité suprapartidário que aglutinava diferentes sectores da oposição ao regime, encontrando-se no ano seguinte em Madrid para uma reunião de coordenação das lutas dos católicos contra as ditaduras ibéricas. Em 1971, organiza a publicação de uma coletânea de textos de vários autores denominada Sete Cadernos sobre a Guerra Colonial, e no ano seguinte é cofundador de uma outra publicação clandestina contra a guerra: o BAC - Boletim Anticolonial.

O seu espírito solidário encontra-se patente nas ligações que sustentou com os Movimentos de Libertação das Colónias, facto que o torna convidado oficial das cerimónias que assinalaram a independência de Moçambique e de Angola, em 1975. Está ainda Ligado ao CIDAC – Centro de Informação e Documentação Anticolonial, desde a sua fundação em 1974, onde foi reunida



↳ Igreja do Sagrado Coração de Jesus, desenho

e reorganizada muita da documentação de apoio às publicações atrás referidas e também os documentos apreendidos pela PIDE quando, nos finais de 1973, desmantelou as instalações clandestinas do BAC.

Nuno Teotónio Pereira foi ainda uma das centenas de pessoas que participaram na Vigília da Capela do Rato, em finais de 1972. Os acontecimentos desse final de ano enquadram-se num movimento crescente de contestação à guerra colonial que alastrava na sociedade portuguesa, sobretudo nos sectores mais politizados ou mais diretamente afetados pela sua continuação, como era o caso da juventude. Esta Vigília dá continuidade à ocupação da Igreja de S. Domingos de Lisboa, em 1 de Janeiro de 1969, também levada a cabo por um grupo de católicos, então conhecidos pela designação de Progressistas. O primeiro de Janeiro fora escolhido, pelo papa Paulo VI, como dia dedicado à Paz, na sequência da encíclica *Pacem in Terris*. Após a missa da meia-noite da passagem do ano, celebrada pelo cardeal Cerejeira, um grupo de fiéis comunicou-lhe, através de um texto que lhe foi lido, a sua decisão de

permanecer no interior da igreja até ao dia seguinte, em clima de reflexão sobre a paz. Para essa vigília, Sophia de Mello Breyner compôs o célebre poema “Vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar”. Volvidos três anos, a Vigília do Rato repercute o crescente mal-estar provocado pela continuação de uma guerra sem solução militar. Nos dias 30 e 31 de Dezembro as portas da capela estiveram abertas e centenas de pessoas improvisaram assembleias de discussão sobre a guerra e a necessidade urgente de lhe pôr cobro. Afixados nas portas, diversos cartazes transcreviam números relativos aos mortos em combate, às populações dizimadas e aos estropiados de ambos os lados. Ao fim do dia 31 começaram-se a ouvir ruídos da polícia de choque a cercar o local, *penetrando no templo e, arrastando à força algumas pessoas que resistiam, levaram todos os assistentes para a vizinha esquadra do Rato, onde foi feita uma primeira triagem. Dali, a maior parte foi levada para os calabouços do Governo Civil, onde se deu a passagem do ano. Na manhã do dia seguinte, dezasseis de entre eles foram entregues à PIDE, que os levou para o Forte de Caxias. Foram aí submetidos a interrogatório, mas não torturados, e ao fim de um máximo de quinze dias libertados sob caução. Estes processos não tiveram seguimento, talvez com o intuito de não empolar o caso. Este acontecimento teve projeção Internacional e constituiu-se como uma referência para ações posteriores contra a guerra em África* (in Dicionário da História do Estado Novo- Fernando Rosas, J.M. Brandão). Na sequência da atividade política contra o Estado Novo, foi preso pela PIDE em 1967, 1972 e 1973, tendo sido libertado da prisão de Caxias no dia 27 de Abril de 1974, juntamente com Palma Inácio, Saldanha Sanches, José Manuel Tengarrinha, entre muitos outros.

Datam dos anos 50 os seus primeiros trabalhos na área do urbanismo, a começar pelos Anteplos Gerais de Urbanização do Crato e de Fronteira, a que se



↳ Bloco das Águas Livres, Lisboa



↳ Olivais Sul, perspectiva geral em vista aérea

seguiram outros, como sejam, os estudos de urbanização de uma zona do Restelo, na década de 70, em colaboração com Nuno Portas e Gonçalo Ribeiro Teles; os Planos Gerais de Urbanização de Castelo de Vide e de Póvoa e Meadas, no mesmo concelho, nos anos 80; o Plano Diretor Municipal de Castelo de Vide, na década de 90, e, na viragem do século, os Planos de Urbanização e Projetos do Programa Pólis da cidade de Covilhã, em colaboração com Luís Cabral, nos termos do que formula como Arquitetura do Território.

Senhor de vasta e profícua obra arquitetónica, da qual a igreja de Águas foi/é vanguarda de pensamento e ação, destacam-se, a título de exemplo, o Bloco das Águas Livres, Lisboa (Nuno Teotónio Pereira, Bartolomeu Costa Cabral); Edifício comercial na Rua Braamcamp, Lisboa (Nuno Teotónio Pereira (colaboração de João Braula Reis); Habitação em Sesimbra (Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas); Habitação no sítio do Alto da Salada, Praia das Maças (Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas); Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa (Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira); Igreja Paroquial de Almada; Diversos projectos de habitações nos Olivais Norte (colaborações de António Freitas e Nuno Portas), entre outros.

Currículo vasto tinha forçosamente de compreender extensa obra bibliográfica, a sós ou em parceria, bem como artigos em periódicos, livros de referência e outros, dos quais se destacam: Prédios e vilas de Lisboa (Nuno Teotónio Pereira, Irene Buarque, Lisboa, Livros Horizonte, 1995); Escritos: 1947-1996 (selecção (Nuno Teotónio Pereira; prefácio de Helena Roseta, Porto: FAUP, 1996); Património da Segurança Social: as sedes dos Serviços Regionais 1965-1993,



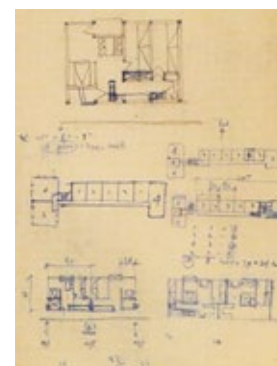
↳ Pousada de Vilar Formoso, alçado norte

(Nuno Teotónio Pereira, Victor Consiglieri, Victor Mestre, João Paulo Martins, Lisboa: Secretaria de Estado da Segurança Social, 1997).

Dos múltiplos cargos exercidos, para além dos já mencionados, realçam os de Presidente do Conselho Diretivo Nacional da Associação dos Arquitetos Portugueses (AAP) que substituiu o SNA após o 25 de abril de 1974, nos mandatos 1984-1986 e 1987-1989; Presidente da Secção Portuguesa da União Internacional dos Arquitetos (SPUIA), criada em Lausanne, Suíça, a 28 de Junho de 1948, com o objetivo de unir todos os arquitetos do mundo, sem distinções de raça, nacionalidade ou religião; Primeiro Delegado português ao Comité do Habitat da União Internacional dos Arquitetos, Bucareste, 1966.

Numa carreira de excelência avultam os prémios: Prémio da I Exposição Gulbenkian, 1955, com o Bloco das Águas Livres; 2º Prémio Nacional de Arquitetura da Fundação Gulbenkian, 1961. Prémio AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte), 1985; Prémio Valmor 1967, Torre de Habitação em Olivais Norte; Prémio Valmor 1971, Edifício Franjinhas na Rua Braamcamp; Prémio Valmor 1975, Igreja do Sagrado Coração de Jesus; Prémio do Instituto Nacional de Habitação, Promoção Municipal de 1992, com um empreendimento de 144 fogos em Laveiras, Oeiras; Prémio Espiga de Ouro da Câmara Municipal de Beja, 1993; Prémio Municipal Eugénio dos Santos da Câmara Municipal de Lisboa, 1995; Além dos prémios, o reconhecimento da sua acção benéfica manifestou-se por diversas formas: foi Membro Honorário da Ordem dos Arquitetos desde Novembro de 1994; agraciado com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, 1995. Doutor Honoris Causa, pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, desde 2003.

A concluir, somos tentados a considerar Teotónio Pereira um Príncipe do Renascimento, tanto pelo produto como pelo processo, em ambos se envolvendo de corpo inteiro. Um exemplo de inconformidade, um homem de causas, um lutador pela dignificação do Homem e pela justiça social, que, no dizer de



↳ Unidade de habitação Cooperativa da Associação de Inquilinos Lisbonenses, estudo



↳ Imagem do filme "Um Homem na Cidade"



↳ Atelier da Rua Rodrigues Sampaio, vendo-se ao fundo Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu da Costa Cabral e à frente José Maia Santos e António Pinto de Freitas

Ana Isabel Ribeiro, levam-no a ser um cidadão cujas preocupações e intervenções ultrapassam o país onde sempre viveu, promovendo e defendendo uma globalização alternativa. Refletindo sobre o caminho trilhado pela ganância delapidadora do capitalismo desregrado escreveu: *O mundo corre rapidamente para o abismo. E não é apenas a depredação acelerada do planeta que põe em risco a civilização construída ao longo de séculos: são os próprios fundamentos políticos, económicos, sociais e morais do seu sistema de valores que ameaçam ruir, arrastando consigo privações, sofrimentos e angústias há pouco tempo insuspeitados. A lógica do lucro e a mundialização da economia dominada pelo capital financeiro têm esmagado sem complacência os valores que estruturam a nossa civilização e as conquistas que lhe foram dando um rosto mais humano, com o sofrimento e a luta de muitas gerações. A receita para reverter a situação, segundo o próprio, passa por um programa de luta clarificador e mobilizador (...) travado, mais do que nos espaços nacionais, no espaço europeu, mas deverá ganhar uma dimensão mundial. Luta nos órgãos políticos, nos de reflexão e debate, nas empresas, nos meios de comunicação em toda a parte. E, obviamente, também nas ruas. Trata-se de reconquistar e aprofundar o poder democrático, de reduzir o horário de trabalho e partilhar o emprego, de proporcionar uma efetiva igualdade de oportunidades, de alargar o Estado-providência à sociedade, de combater sem tréguas a fraude e a evasão das tributações e de reduzir as despesas militares.*

IGREJA DE ÁGUAS

A obra e o contexto

Nuno Teotónio Pereira desenvolvia desde finais dos anos 40, momento em que principia o projeto da Igreja de Águas, uma pesquisa formal e conceptual na linha das preocupações de Keil ou de Távora, buscando um sentido autêntico para a arquitetura portuguesa, conciliando modernidade com a mais profunda tradição rural. Foram pesquisas pioneiras na exploração orgânica dos espaços interiores, em conformidade com os valores do contexto, da tradição e da modernidade, recusando a excessiva abstração e simplificação Modernas. Privilegiando o conhecimento do Homem Português e das suas condições de vida, fomenta a inserção na paisagem e a aplicação de recursos locais, sem esquecer a complexidade exigida pelo conforto humano. É a denominada Terceira Via, que viria a caracterizar a arquitetura portuguesa da década de 50. Em linha com estas transformações surge o MRAR (Movimento de Renovação da Arte Religiosa), constituído por um grupo de Católicos Progressistas críticos da arquitetura religiosa que se desenvolvia e não abrangia o espírito evangélico da Pureza – Verdade – Pobreza – Paz. Nascido no Outono de 1952, refletia os interesses de um grupo de artistas e arquitetos recém-licenciados, empenhados em elevar a arquitetura religiosa e a arte sacra em geral a uma maior dignidade e qualidade plástica.



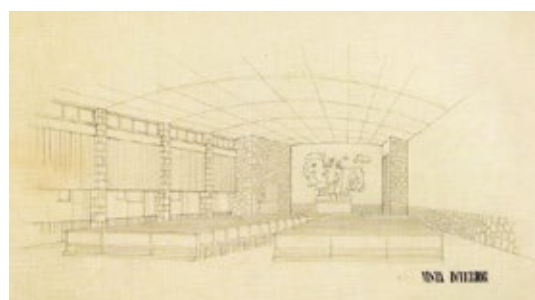
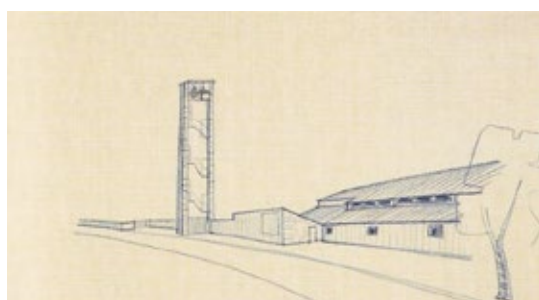
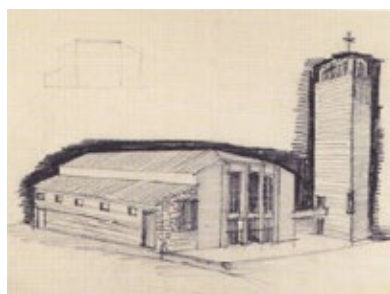
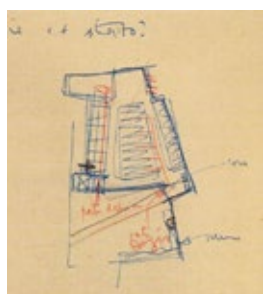
O MRAR veio revolucionar o conceito de espaço religioso, de templo enquanto Casa de Deus para a Casa do Povo de Deus. De entre os ativistas que nele participaram ou que com ele colaboraram contavam-se Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, José Escada, Erich Corsépius, Bartolomeu Costa Cabral, João de Almeida, Formosinho Sanchez, Diogo Lino Pimentel, Luís Cunha, António Freitas Leal, José Maya Santos, António Reis Rodrigues, António Lino, Emília Nadal, Carlos Silva, João Pimenta, Gabriel de Magalhães, Maria José Mendonça, Fernando Micael, João Braula Reis, Henrique Albino, João Correia Rebelo, Vitorino Nemésio. Como posteriormente referiu Teotónio Pereira, *a ideia de formação do MRAR não nasceu: impôs-se-nos. Teve de ser. Vivendo uma realidade especificamente gravosa, a arquitetura religiosa requeria especialíssimas exigências de verdade, harmonia e dignidade. Pois, quando se verifica, na maior parte das igrejas mais recentes, ter sido esquecido o espírito do Evangelho, (...) impõe-se uma ação de esclarecimento e uma revisão de conceitos para que a arquitetura possa mostrar ao mundo de hoje a verdadeira face da Igreja de Cristo.*

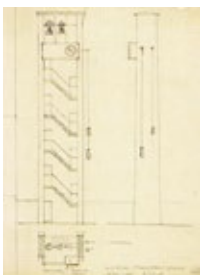
O MRAR afirmou em Portugal um programa artístico, pastoral e político, de confronto com os princípios estéticos do Estado Novo e de alguma hierarquia católica. Face aos revivalismos e à anacronia das igrejas edificadas desde finais do século XIX, a prioridade centrou-se na renovação das formas artísticas da



arte religiosa dentro dos pressupostos formais do ideário funcionalista, pesquisando e incorporando no seu programa sinais de uma nova vivência comunitária e litúrgica da fé. O vetor político, embora com contornos mais difíceis de isolar, não deixa de situar o MRAR dentro da oposição católica ao regime, sobretudo a partir dos anos 60 e face ao eclodir da Guerra Colonial. Aos objetivos religioso, político e estético correspondem as três séries do Boletim do MRAR, órgão de divulgação das atividades do Movimento e de várias outras iniciativas junto dos seus associados e colaboradores, funcionando, simultaneamente, como veículo de intervenção através da publicação de artigos, estudos, recensões e edições em regime de separata, função garantida pelo facto de ser Boletim, logo não sujeito à censura prévia.

O Concílio do Vaticano II, iniciado em 1962 com o Papa João XXIII e concluído em 1965 com o Papa Paulo VI, abordou vários temas e preocupações





da Igreja como o ritual litúrgico ou o papel dos artistas na evangelização, alterando o paradigma da figura do pastor que anda à frente do rebanho que o segue, para a de presidente, isto é, alguém que se vira para a assembleia e que preside à celebração, deixando a assembleia de assumir um papel de espectador para passar a assumir um papel de participante. Desse desejo de aproximação e interação

surgem, a partir dos anos 50, igrejas que quebram com a arquitetura religiosa que se fazia em Portugal até ao momento.

Nesta conjuntura germina o projeto da Igreja de Águas (1949-1957), onde Teotónio Pereira procura compor um espaço significativo, usando as ferramentas da racionalidade e da funcionalidade modernas, mas integrando a expressão como mais uma função. Não adota nem a conceção linear e simplista do Movimento Moderno mais ortodoxo (Estilo Internacional), nem qualquer laivo de



cedência a um tradicionalismo revivalista. Para Teotónio Pereira, uma arquitetura religiosa contemporânea *teria de se libertar de estigmas historicistas*.

A mais-valia da Igreja de Águas reside na conceção de uma espacialidade significativa, integradora da dimensão humana e do sentido do sobrenatural. Segundo Ana Tostões, trata-se de uma *igreja inspirada nas suas congéneres suíças, divulgadas pela revista Werk. Primeira igreja moderna construída após a Igreja de Nossa Senhora de Fátima (Pardal Monteiro, Lisboa, 1938), e um dos primeiros projetos de um jovem arquiteto para quem a linguagem arquitetónica sempre andou a par com renovação dos programas e o empenho cívico. A importância desta obra deve-se à primazia de dois conceitos – o de espaço interno e o de integração – que no momento de afirmação do «estilo internacional» face ao tradicionalismo dominante, quer na Igreja quer na cultura oficial, representavam uma inusitada inovação, anunciando quer a recusa do tradicionalismo, quer um retorno crítico às raízes. Quer no espaço interno, as opções pela forma de assembleia, pela luz e cor interiores, quer a integração no local, usando os materiais graníticos em diálogo com o betão, a grande cobertura em telha suportada por asnas metálicas, tal como a posição do adro*



parcialmente murado, traduziam a vontade de renovar sem romper, estabelecendo uma continuidade que respeitava o carácter da aldeia.

A Igreja de Águas é também perscrutadora em termos de contexto, adaptando-se ao meio físico e cultural circundante, presente no uso de materiais vernaculares, dos quais merece realce a Pia Batismal, verdadeira joia do templo, esculpida pela água da Ribeira de Alpreade, donde Teotónio Pereira a arrancou. Se o uso de materiais da região poderia sugerir uma aproximação tradicionalista, a verdade é que segue uma lógica contemporânea, aliada à atenta integração no contexto ambiental da aldeia beirã, constituindo uma primeira manifestação de consciente modernidade. Conforme o próprio registou na revista *Arquitectura*: *O ponto de partida para a igreja da beira foi outro: o carácter da região, a comunidade bem definida a que a obra se dirigia, a responsabilidade que já então se fazia sentir de responder com maior realismo, não só às necessidades de um programa mas ao ambiente e à cultura pré-existente, permitiram um critério de composição com resultados notáveis para a fase atual da nossa arquitetura. Trata-se, em primeiro lugar, de uma construção tratada, antes de mais, a partir do espaço interno e este entendido de uma forma orientada e dinâmica pela conjugação da forma da planta (que no entanto, de um ponto de vista funcionalista, poderia sair condenada), da*





convergência das paredes laterais e do trabalhado movimento dos dois planos do teto interior. Confirma esta liberdade na organização o facto de a subtil articulação do espaço da nave com o teto plano da capela-mor não se encontrar acusado na grande cobertura telhado de duas águas. O espaço interior diferencia-se em sucessivas superfícies de concordância ou descontinuidade e como que se encerra em si mesmo através da grelha granítica do alçado da entrada apertada pela quebra em tacaniça em cujo vértice aponta a cruz indicativa. A escala humana do espaço torna-se então mais sentida: não já apenas pelas proporções exteriores ou interiores, mas pela escolha dos materiais e das técnicas construtivas e da expressão que daí resulta. Pensamos que a noção de escala humana tem que ser estendida para além de uma análise psicofísica, para integrar as características dos Homens a quem se dirige, seus costumes, relações entre si e com a natureza. Somos assim postos diante das exigências que motivaram o importante movimento neo-empirista, pela sua abdicação de quaisquer preconceitos formais de importação. A igreja de Águas – onde aliás se não abdica dos princípios diretores do movimento – trás ao movimento em Portugal as exigências do mesmo empirismo e, ao resultar arquitetonicamente, a certeza de que a tarefa que nos propõe se deve prosseguir. Não que se trate de qualquer mimetismo ou abdicação da nossa cultura em relação ao passado: espacial e construtivamente, a obra revela uma coerência

perfeitamente moderna (desde o emprego de materiais como a omnilite ou os perfis tubulares ao tratamento das aberturas ou do equipamento) e, no entanto, denuncia a confiança numa possibilidade de encontrar a ponte que liga a expressão dos novos valores à herança válida do passado que o povo a que a obra se destina encarna. A esta luz deverão ser apreciados o pórtico de entrada, as balaustradas em tubo dobrado e madeira, o forro em pinho das paredes acrescentando conforto, a cor quente da tijoleira, o movimento das águas dos telhados dos anexos e o peso com que a construção se enterra no terreno. A igreja de Águas, para além da sua importância no domínio da arquitetura religiosa, deverá ter uma importância muito especial na temática do atual movimento português.



Justifica-se tão extensa citação pela soberana importância em reabilitar as palavras do autor na justificação do projeto, precavendo falhas ou equívocos de comunicação. Embora não parecendo, a igreja de Águas define claramente o percurso de uma vida, adaptando e recriando os princípios Modernos através de uma reflexão sobre o contexto (ambiente físico e cultural). Reflete ainda o pensamento de alguém que, atento à realidade e às necessidades humanas, antecipou a evolução da arquitetura moderna da fase racionalista para uma nova etapa, mais humanista, largamente aberta aos valores espirituais e às tradições locais, redescobertas pelo célebre Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa. Em Águas, Teotónio Pereira firmou uma linguagem moderna de sabor expressionista, bem patente na organização de um espaço em convergência com o altar, fulcro de toda a celebração (casa do povo de Deus). As opções pela forma expressionista de assembleia em leque, pela luz e cor interiores, pelos materiais



graníticos em diálogo com o betão, pela grande cobertura em telha, bem como pela posição do adro parcialmente murado traduziam uma vontade de renovar sem fraturar, oferecendo formas facilmente inteligíveis pela comunidade para comunicar um discurso não conservador. Seguindo Ana Tostões, *a igreja de Águas ensaia um caminho fecundo, concretizando uma proposta de uma espacialidade rica de significados, de calor psicológico, de tensão espacial, capaz de assumir no fundo, de um modo atual, a espiritual espacialidade que sempre caracterizou as igrejas e os espaços conventuais. Marco da modernização da arquitetura religiosa é nesta questão, de proposta de uma nova espacialidade significativa, capaz de dar a dimensão da condição humana e o sentido do sobrenatural, que reside a importância maior, e transforma esta obra no modelo da arquitetura religiosa moderna portuguesa, cujo ponto de partida não foi o de um redutor funcionalismo, mas de uma aproximação ao contexto, às formas vernáculas, dentro da linha de pesquisa e entendimento da arquitetura moderna portuguesa. Moderno e tradicional parecem continuar a ser dois parâmetros fundamentais no processo de intervenção e de clarificação disciplinar, de revisão e reflexão do Moderno.*

Os valores de contexto encontram-se também patentes na adjudicação da obra a um mestre-pedreiro da região. Teotónio Pereira considerava que *os mestres construtores possuíam um saber que urgia aproveitar*. Daí não se estranhar que a execução tenha recaído sobre João Salvado da Costa, conhecido por Mestre João Cartola, pedreiro da região, verdadeiro conhecedor e interprete desses métodos antigos, natural e habitante da vizinha aldeia de Medelim, também conhecida pela Aldeia dos Balcões. Como bem explica José Luís Barreto, que em jovem trabalhou com mestres da escola de João Cartola, *esses homens sabiam matemática aplicada*. Não tinham a teoria, mas possuíam o saber da experiência. Eram senhores da técnica de aparelhar a pedra, possibilitando o seu perfeito, sem esquecer os moldes que concebiam para as realizações mais exigentes. António Pires Salvado, filho de Mestre Cartola, refere que a arte já

lim, também conhecida pela Aldeia dos Balcões. Como bem explica José Luís Barreto, que em jovem trabalhou com mestres da escola de João Cartola, *esses homens sabiam matemática aplicada*. Não tinham a teoria, mas possuíam o saber da experiência. Eram senhores da técnica de aparelhar a pedra, possibilitando o seu perfeito, sem esquecer os moldes que concebiam para as realizações mais exigentes. António Pires Salvado, filho de Mestre Cartola, refere que a arte já





↳ As capelas laterais



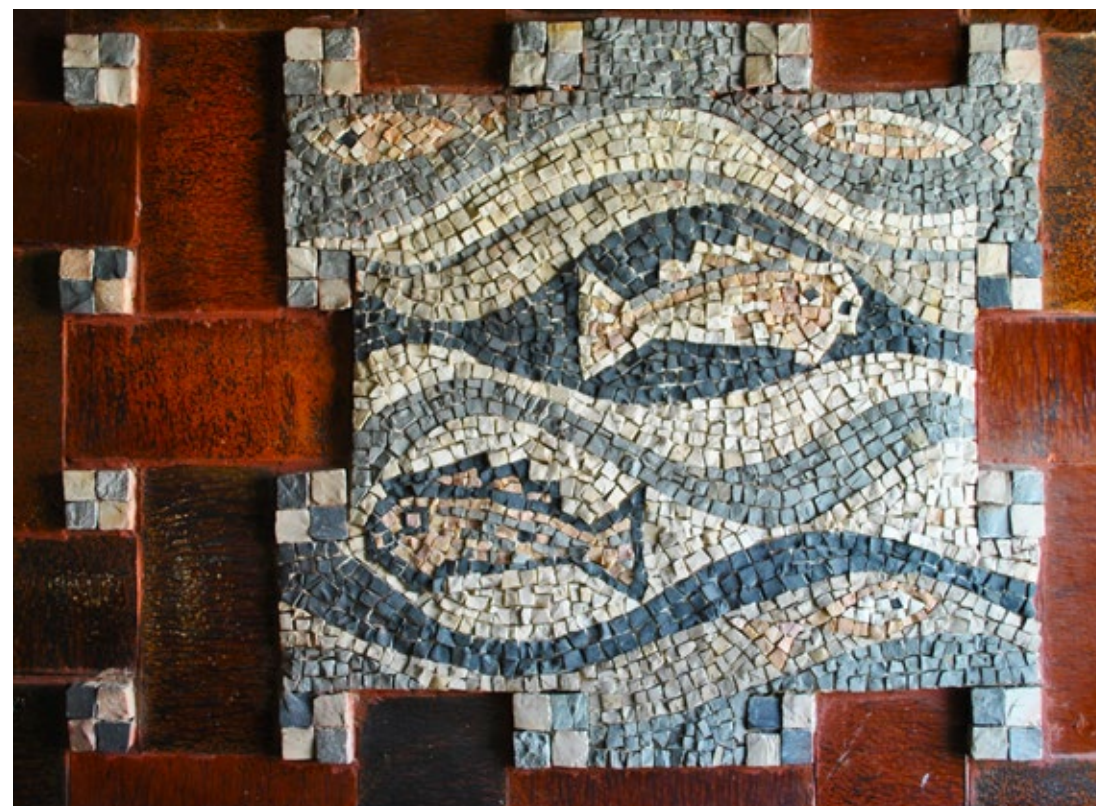
↳ O baptistério

vinha de família. *O meu avô era um mestre-pedreiro (...) tinha 3 filhos a quem ensinou a arte*, pois, naquele tempo, para aprender um ofício *era preciso pagar*. Quando questionado sobre o porquê da escolha do pai para construtor da igreja de Águas, responde: *talvez pelo seu saber. Meu avô encarregou meu pai, sozinho com apenas 18 anos, da remodelação da Igreja da Aldeia João Pires. Já havia trabalhado (com o pai) na remodelação das igrejas de Aldeia do Bispo e Monsanto onde é responsável pela rosácea exterior e pela balaustrada interior*. Adianta ainda o orgulho que o pai ostentava em ter trabalho com Teotónio Pereira afirmando com regularidade: *fui ao seu escritório muitas vezes*.

A propósito do resultado da obra, afirmou Teotónio Pereira em 1959 que *revelava inexperiência e falta de unidade, mas que a crítica real só seria feita passados mais alguns anos*. Volvidas seis décadas, está a crítica rendida à tese de emblemático edifício religioso da arquitetura modernista portuguesa do século XX, *constituindo um dos monumentos inaugurais entre as novas formas de arte e a vivência religiosa que o II Concílio do Vaticano (1963-1965) procurará, em parte, sancionar, segundo os novos sinais do tempo* (José Carlos Pereira).

As Parcerias

Se o traço é de Teotónio Pereira, o conjunto não se esgota nele. Como obra de síntese integral, de forma natural e cuidada, a contribuição artística de um grupo de brilhantes criadores que, valorizando o todo, nele deixaram importante testemunho. Os projetos e as cooperações procuraram também resgatar algum desacerto anterior, a partir da mencionada harmonização entre tradição e modernidade. Assim, para a parede do baptistério, **António Lino** concebeu um **painel cerâmico**, cenário de um barroco ao serviço de pia batismal; embelezando a branca parede lateral, um conjunto de 12 quadros em madeira polícromada rematam um lambril de granito aparelhado, formando uma **Via Sacra** concebida por **António Luís Paiva**; a restante estatuária ornamental ficou



↳ Pormenor do painel cerâmico do baptistério



a cargo de **Euclides Vaz**; já o interessantíssimo **estudo cromático** materializando *a proposta de uma espacialidade rica de significados, de calor psicológico, de tensão espacial* (Paulo Pereira), foi desenvolvido por **Frederico George**; a primorosa e ajustada decoração da **porta do sacrário** deve a sua autoria a **Graziela Albino**; o estilizado **Cristo de bronze**, atesta a contribuição de **Jorge Vieira**, que não era para sê-lo, pois, no pano de fundo do altar em tijoleira, havia sido aberto em sulco grafitado a imagem de Cristo na cruz, iluminada pela luz coada da grelha lateral, solu-

ção que acabou abandonada. terminando no jogo de cheios e vazios da torre sineira, de Teotónio Pereira, dentro de um programa arquitetónico enraizado segundo o espírito do lugar.

Sobre os artistas-parceiros muito haveria a dizer. O mérito excecional de cada um não terá deixado de pesar na escolha do arquiteto-chefe. E os próprios não se fizeram rogados, interpretando a essência do programa e transformando-o num magnífica unidade.

Painel cerâmico do Baptistério

António Lino, sobrinho do conhecido Raul Lino, trabalhou com Luís Cristino da Silva nos estudos para a zona envolvente da Assembleia da República (1933-40) e no grupo que preparou a Exposição do Mundo Português de 1940. Foi também autor da Igreja de São João de Deus, na Praça de Londres em Lisboa (1951-53), na qual aliou modernidade com recolhimento, beleza com sobriedade, monumentalidade com funcionalidade, manifestando o desejo de aproximar os fiéis do altar, destruindo a imposta distância do sacerdote face à assembleia, circunstância que só o Concílio Vaticano II consignou. Das suas obras destacamos a Igreja de São João de Deus, Praça de Londres, Lisboa (1949/53); a Capela de Nossa Senhora da Paz no Santuário Nacional do Cristo Rei, Almada; a Colunata do Santuário de Fátima e as 14 estações da Via-Sacra,



em cerâmica policromada; o Pavilhão dos Desportos Náuticos da Exposição do Mundo Português (atualmente Espelho de Água), Belém, Lisboa, 1940.

O painel cerâmico que António Lino concebeu para o batistério da igreja de Águas é uma peça de rara beleza e profundo significado, servindo de cenário a um espaço cerimonial de primordial importância. Na tradição cristã, aqui se apresentam os iniciados para receberem a purificação do batismo pela água e pelos óleos sagrados. O vermelho cerâmico acolhe e envolve o catecúmeno, recordando-lhe, a ele e às testemunhas, os santos martírios que livram do fogo do inferno, bem como as origens secretas do cristianismo patente nas tesselas romanas e na simbologia primitiva do culto perseguido – a pomba (Espírito Santo e a paz de Cristo), o *Ichthys* ou peixe estilizado (a palavra *Ichthys* significa peixe em grego, sendo também um acrónimo de *Iesus Christus Theou Yicus Soter*, “Jesus Cristo filho de Deus Salvador”), o XP (monograma composto das primeiras letras gregas do nome de Cristo), a concha (no estilo de marisco com três gotas de água é o símbolo do batismo, especialmente do batismo de Cristo).



↳ O “barroco” que veio a servir de pia baptismal no leito da ribeira de Alpreada

As três gotas lembrando a Santíssima Trindade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – em quem os cristãos são batizados), a Âncora (simbolizando a salvação da alma), o Sol da Justiça (uma das formas figuradas que os profetas usavam para se referirem aquele que havia de vir, Jesus Cristo, o Messias), as Cruzes Vazias (simbolizando a ressurreição de Jesus), o Alfa e o Omega (são a primeira e a última letras do alfabeto grego e expressam a natureza eterna de Cristo. Ele é o princípio e o fim de tudo), e a bênção final da cerimónia em latim (*in nomine patris et filii et spiritus sancti*). O conjunto apresenta ainda decoração geométrica em forma de mosaico enquadrando a joia do templo, um barroco a servir de pia baptismal que o arquiteto foi arrancar ao leito da Ribeira de Alpreada, cuja concavidade é obra da erosão da água, apresentando como única intervenção humana os cortes laterais e o orifício de escoamento. De salientar também aqui a preocupação do arquiteto em inovar sem romper, modernizar sem chocar, escolhendo materiais vernaculares de acordo com as características do local e o povo a que se destina.



A Via Sacra

António Luís do Amaral Branco de Paiva (1926-1987), figura algo esquecida no panorama da História da Arte Portuguesa do século XX, *pode considerar-se escultor do segundo modernismo, na medida em que procura contrariar padrões académicos residuais da nossa cultura ao tempo* (António Duarte). Personalidade introvertida e reservada, não convivia bem com a exposição mediática. Enquanto os outros referenciam nome, morada e um curriculum resumido da própria atividade artística, ao lado das suas obras apenas lemos o apelido Paiva. Vive em Lisboa. Dedicou-se à escultura desde cedo, expondo pela primeira vez nos Salões de Educação Estética da Mocidade Portuguesa (1943), onde obteve o





1º Prémio Nacional. Frequentou o curso de escultura de Mestre Leopoldo de Almeida da Escola de Belas Artes de Lisboa. De 1944 a 1949, trabalhou com vários mestres de escultura, nomeadamente Barata Feyo, Canto da Maya e António Duarte. Entre 1955 e 1957 foi desenhador do Museu Etnológico Leite de Vasconcelos. Entre 1960-1962 foi professor de Desenho do Liceu Camões, cargo que trocou, em 1962, pelo de Assistente na Escola das Belas Artes em Lisboa, onde lecionou durante 24 anos. Foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian. Conviveu com José de Almada Negreiros, como atestam uma série de arlequins dos anos 70-80.

Na sua obra é pacífico afirmar que a essência e a natureza humana permanecem por detrás do óbvio, do tangível, aí residindo a lição da sua criatividade, conforme está patente nos catorze Painéis da Via-Sacra da igreja de Águas, onde figuras humanas estilizadas, num contexto de profunda tensão psicológica, simulam uma tranquilidade espiritual desarmante, arrancada à dor e ao sofrimento, no fundo, a mensagem da paixão e morte de Cristo.



A estatuária ornamental

Euclides Vaz (1916 – 1991), frequentou a Escola de Belas Artes do Porto, vindo a concluir o curso de Escultura em Lisboa no ano de 1945. Foi discípulo de Simões de Almeida (sobrinho) e Salvador Barata Foyo. Lecionou nas Escolas Afonso Domingues, António Arroio e, a partir de 1958, na Escola de Belas Artes de Lisboa. As suas obras encontram-se espalhadas por todo o país e nos territórios das ex-colónias. Os seus trabalhos, predominantemente na área da estatuária, inserem-se na estética do Estado Novo através duma linguagem académica e monumental e encontram-se disseminados praticamente por todas as ex-colónias, praças, avenidas e edifícios públicos do território metropolitano.

A estatuária concebida para a igreja de Águas integra-se numa estética modernista de busca da essencialidade plástica pela simplificação geométrica de formas e volumes, elegância visual, serenidade e quietação, interpretando os ideais de uma nova espiritualidade alicerçada na magnanimidade de um Deus bondoso.



O cromatismo

Frederico Henrique George (1915- 1994) nasceu em Lisboa, filho de pai inglês e mãe portuguesa, numa família amante das artes. Apoiado pela família e pelos amigos pintores da mesma, cursou o 4º e 5º ano liceais à noite na Escola de Artes Aplicadas António Arroio, após o que ingressou na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL) em 1930, seguindo a opção de Pintura que concluiu em 1936, ano em que lhe seria atribuído o Prémio Luciano Freire, da Academia Nacional de Belas Artes. Em 1940 colaborou na realização da Exposição do Mundo Português, pintando murais em parceria com Manuel Lapa, sob a direção de Cottinelli Telmo. No ano seguinte, influenciado por Cottinelli Telmo, inicia o curso Arquitetura na ESBAL, prosseguindo a atividade pictórica, pela qual receberia diversos prémios. Em 1949 foi exonerado da docência por motivos políticos, após ter subscrito as listas da candidatura eleitoral do General Norton de Matos, diplomando-se no ano seguinte em Arquitetura. Viajou para os EUA em 1952, a convite do governo americano, para quem tinha realizado pavilhões de exposição em Lisboa.

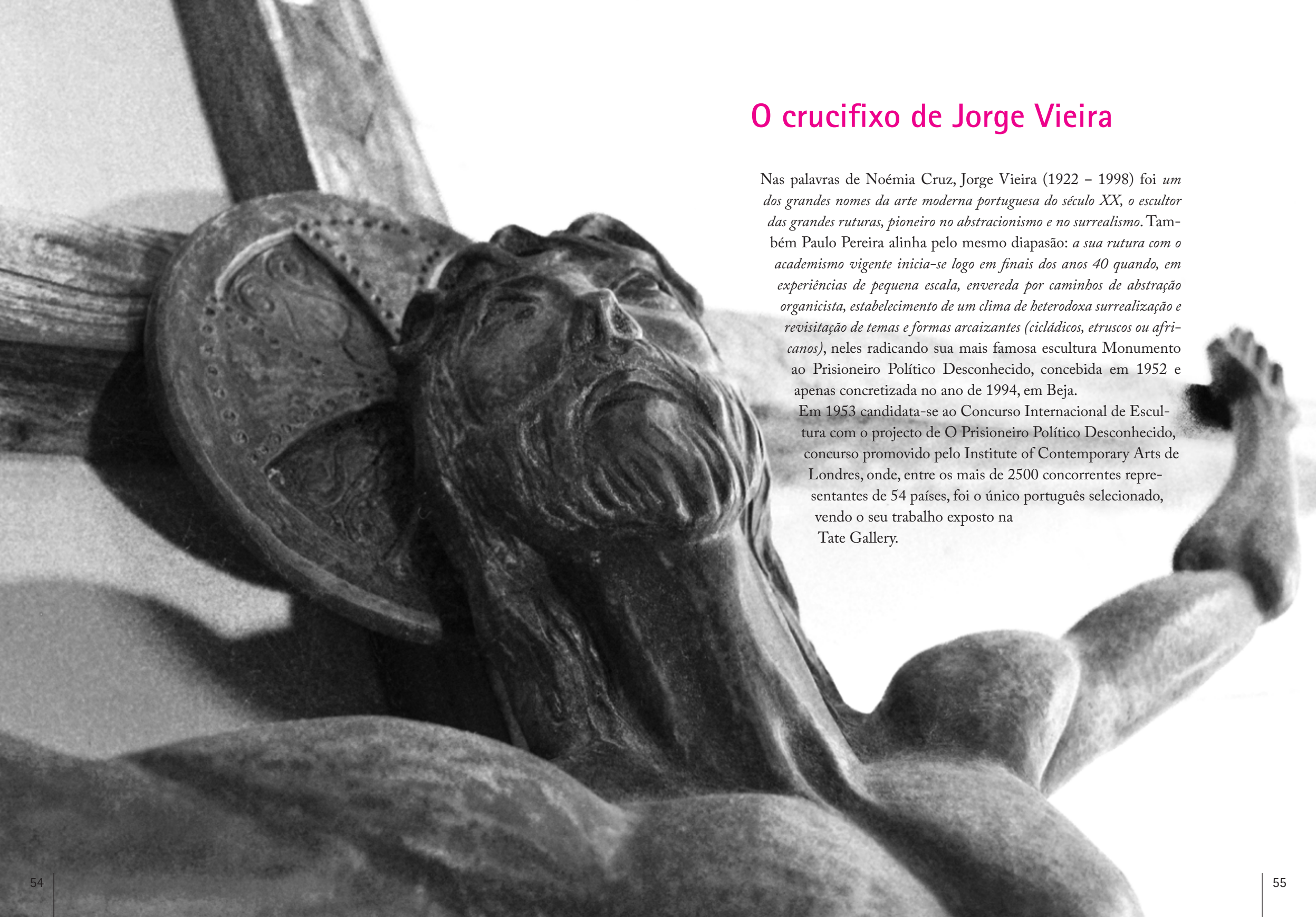
Readmitido no Ensino Público em 1955, ingressou na

ESBAL como professor dos cursos de Pintura e de Arquitetura. Paralelamente ao ensino, Frederico George, continuou a dedicar-se à arquitetura, ao restauro, à pintura decorativa e ao Design, sendo de destacar obras como os edifícios do Museu da Marinha (1962), o Planetário Calouste Gulbenkian (1964), os projetos de recuperação do Palácio Fronteira (1958 e 1988). Sobre a sua intervenção na igreja de Águas escreveu Nuno Teotónio Pereira: *nos anos 50 vivia-se intensamente o apelo,*



então em voga, da integração das três artes: arquitetura, pintura e escultura. Sucedeu que, logo nas primeiras obras, encontrásemos condições para a levar à prática de forma exuberante, contando com a participação de um pintor que estava acabar o curso de arquitetura e que foi responsável pelo estudo cromático do edifício, Frederico George. Em Águas concebeu um espaço significativo através de uma conjugação cromática capaz de envolver e seduzir, apelar ao recolhimento e ao deslumbramento, emocionar sem repudiar, nele predominando os tons de celebração da pureza, da liturgia e da espiritualidade.





O crucifixo de Jorge Vieira

Nas palavras de Noémia Cruz, Jorge Vieira (1922 – 1998) foi *um dos grandes nomes da arte moderna portuguesa do século XX, o escultor das grandes ruturas, pioneiro no abstracionismo e no surrealismo*. Também Paulo Pereira alinha pelo mesmo diapasão: *a sua rutura com o academismo vigente inicia-se logo em finais dos anos 40 quando, em experiências de pequena escala, envereda por caminhos de abstração organicista, estabelecimento de um clima de heterodoxa surrealização e reavistação de temas e formas arcaizantes (cicládicos, etruscos ou africanos)*, neles radicando sua mais famosa escultura Monumento ao Prisioneiro Político Desconhecido, concebida em 1952 e apenas concretizada no ano de 1994, em Beja.

Em 1953 candidata-se ao Concurso Internacional de Escultura com o projecto de O Prisioneiro Político Desconhecido, concurso promovido pelo Institute of Contemporary Arts de Londres, onde, entre os mais de 2500 concorrentes representantes de 54 países, foi o único português selecionado, vendo o seu trabalho exposto na Tate Gallery.



Desenvolveu discreta mas regular colaboração com arquitetos como Frederico George, Conceição e Silva, Daciano Costa, realizando relevos ou esculturas decorativas para vários. Na década de 90 desenvolve encomendas públicas de grande monumentalidade, como é o caso dos painéis decorativos da estação de metro do Saldanha, Lisboa, 1996; o gradeamento em ferro no Largo do Município, Lisboa, 1997 e o Homem Sol, no Parque das Nações, 1998. A obra de Jorge Vieira encontra-se matizada, nuns casos, por temas animalistas e humanos seguindo um formulário de simplificação figurativa, noutros casos a referência antropomórfica dissolve-se em estruturas verticais, numa articulação dinâmica de linhas e planos. Contactando com os escultores Moore e Butler, em Londres, possibilitou-lhe a concretização técnica e poética do cruzamento entre o

abstrato e o figurativo. O crucifixo que criou para a igreja de Águas é bem exemplo dessas figuras onde as soluções de estrutura superam as determinações de verosimilhança (Paulo Pereira). Embora crucificado, a representação intelectualizada de Jesus não deixa de ser esbelta e serena, congregando simbiose surrealista com abstração pura, esquematismo primitivista com exploração tridimensional, nele se cruzando metamorfose e transfiguração, por redução da fisionomia a um núcleo orgânico elementar traduzido no movimento ondulante do volume polido, numa conjugação entre o provável e o desejável, por alusão à esperança na Paixão de Cristo realçada pela cor quente da tijoleira, referente do sangue derramado para salvação dos Homens.

Conclusão

Se concluir nem sempre é fácil, rematar um ensaio sobre a igreja de Águas parece-nos tarefa improvável na justa medida das suas potencialidades, que aqui procurámos minimamente desvendar. Assumindo essa nossa incapacidade, pedimos emprestadas as palavras de outros para desfecho da obra:

*A igreja das Águas (1957), Penamacor, do arquiteto Nuno Teotónio Pereira, é um exemplo de igreja que realiza uma inserção real no contexto físico envolvente, não descuidando a vertente cultural, isto através do seu desenho e dos materiais vernaculares adotados.*⁰¹

⁰¹
João Miguel Castanheira
Monteiro

*Seguimos pelo caminho rural que nos conduz a Águas, aldeia onde, a par de antigas e respeitáveis construções, deparamos com um precioso modelo de arquitectura religiosa vanguardista, a igreja Matriz, da autoria do arquitecto Nuno Teotónio Pereira, que, com esta obra, datada de 1951, inaugura um novo modelo da arquitectura religiosa portuguesa, razão porque é hoje objecto de visita e estudo por parte de estudantes de arquitectura de todo o país.*⁰²

⁰²
<http://www.cm-penamacor.pt/cmp/index.php/turismo-lazer/guia-concelho>

A renovação da arquitectura religiosa em Portugal, mais visível a partir da década de 50 do século passado, vê assim reconhecido o valor de duas das suas obras fundadoras. Cinema, garagem, praça de touros, construção protestante ou comunista são alguns dos “mimos” com que têm sido presenteadas ao lon-

go das últimas décadas as novas igrejas de Portugal. A igreja paroquial de Águas, na Diocese da Guarda (1950–57), é um marco da modernização da arquitectura religiosa, capaz de dar dimensão humana e sentido de sobrenatural, cujo ponto de partida foi a aproximação ao contexto, às formas vernáculas. Aquilo que se pretendia de um edifício religioso, por esta altura, é que respondesse às necessidades do culto, organizando o espaço em torno do altar. Este espaço era comunitário e traduzia, de modo plástico, a Assembleia dos fiéis, reunida para celebrar.⁰³

03
<http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?&tid=9757>

A nova arquitectura proposta procurará, segundo Nuno Teotónio Pereira, um estilo original enraizado na Terra, ligado ao povo e compassado à época. A igreja paroquial de Águas (Penamacor, 1949–1957), a de Santo António de Moscavide (Lisboa, 1957) e a capela do Picote (Trás-os-Montes, 1958), com a colaboração de arquitectos e artistas plásticos, formaram o tríptico que começou a concretizar e anunciar a renovação da arte religiosa em Portugal.⁰⁴

04
http://www.triplov.com/espírito/frei_bento/nova_igreja.htm

Considerada uma das obras fundadoras do regionalismo crítico e ponto de partida de uma nova espiritualidade, onde betão, ferro e vidro marcam presença de modo perfeitamente explícito. Betão, ferro e vidro, uma nova espiritualidade.⁰⁵

05
José Manuel Fernandes

A igreja das Águas (1957), Penamacor, do arquiteto Nuno Teotónio Pereira, é um exemplo de igreja que realiza uma inserção real no contexto físico envolvente, não descuidando a vertente cultural, isto através do seu desenho e dos materiais vernaculares adotados.⁰⁶

06
João Miguel Castanheira Monteiro

Se há coisas que me orgulho desta terra é sem dúvida a igreja, esta mesmo que, (...) se a muitos é indiferente, não consigo passar por lá uma única vez sem a contemplar...⁰⁷

07
Bruno Marques

Bibliografia

Fontes digitais

<http://aguas-penamacor.blogspot.pt/2010/07/igreja-paroquial.html>

<http://arliquido.lis.ulsiada.pt>

<http://casadaruaidealcolena.blogspot.pt/2009/12/152-antonio-luis-do-amaral-branco-de.html>

http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf (Tostões, Ana, Construção moderna: as grandes mudanças do século XX).

<http://pereira-da-silva.blogspot.pt/2009/12/jorge-vieira-escultor-e-desenhador.html> (Nunes, Pedro, Jorge Vieira, escultor e desenhador lisboeta).

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Lino

http://pt.wikipedia.org/wiki/Euclides_Vaz

http://pt.wikipedia.org/wiki/Frederico_George

<http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?&tid=31813>

<http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?&tid=9757>

<http://www.cm-beja.pt/viewcidade.do2?numero=1936>

<http://www.cm-ilhavo.pt/pages/1020>

<http://www.cm-penamacor.pt/cmp/index.php/turismo-lazer/guia-concelho>

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=16688

http://www.pportodosmuseus.pt/wpcontent/uploads/2012/12/renovacao_arte

http://www.snpcultura.org/nuno_teotonio_pereira_vida_e_obra.html

http://www.triplov.com/espírito/frei_bento/nova_igreja.htm

www.aica.pt/artists/frederico-george/

www.aica.pt/artists/frederico-george/

www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/32820/

www.portaldasnacoes.pt/item/jorge-vieira/

Fontes escritas

Arlíquido, revista de Design da Universidade Lusíada de Lisboa, A.3 N.2-4 Primavera 2006-2007 116-120.

Arquitetura e Cidadania. Atelier Nuno Teotónio Pereira, Catálogo Conceção, Coordenação Científica e Textos de Ana Tostões, Lisboa, Quimera Editores, 2004.

Arquitetura, Revista, 3ª série, nº60, outubro 1957, pp 28-30.

CRUZ, Noémia – Museu Jorge Vieira, Beja.

CUNHA, João Alves da – Grupo de Arquitetura do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, SNPC, 2012.

Exposição Bibliográfica Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, seleção de obras existentes no acervo documental da Biblioteca Keil do Amaral, Fátima Coelho, Lisboa, 2010.

Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea, (Catálogo), Lisboa, 1953.

FERNANDES, José Manuel – «Arquitetura Religiosa», in *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, coordenação de Manuel Braga da Cruz e Natália Correia Guedes, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2000.

FERNANDES, Sérgio – *Percorso da arquitetura portuguesa 1930-1974*, Porto, FAUP, 1988.

FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*, Lisboa, Bertrand Editora, 1984.

MONTANER, Josep Maria – *Depois do Movimento Moderno: Arquitetura da Segunda Metade do Século XX*, Gustavo Gili, Barcelona, 2001.

MONTEIRO, João Miguel Castanheira – *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal*, Dissertação Mestrado Integrado em Arquitetura Orientador: Professor Doutor Arquitecto Rui Pedro Mexia Lobo, Coimbra, Julho 2013, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.

PEREIRA, José Carlos – *Arte Religiosa Portuguesa no Século XX*, Lisboa, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2000.

PEREIRA, José Carlos – *O Movimento de Renovação da Arte Religiosa*, LUSITANIA SACRA, 2ª série, 12 (2000).

PORTAS, Nuno – *A Evolução da arquitetura Moderna em Portugal: uma interpretação*. Zevi, Bruno, História da Arquitetura Moderna, Lisboa, Arcádia, 1973.

PORTAS, Nuno – *Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura por Carlos Miguel Freire Campos, Apresentada ao Departamento de Arquitetura [Darq], Faculdade Ciências Tecnologia Universidade Coimbra, 2011, Orientação do Prof. Doutor Nuno Alberto Leite Rodrigues Grande.

RIBEIRO, Ana Isabel – *Nuno Teotónio Pereira ou a ética do sensível*, in TOSTÕES, Ana – *Arquitetura e Cidadania*. Atelier Nuno Teotónio Pereira, Catálogo Conceção, Coordenação Científica e Textos de Ana Tostões, Lisboa, Quimera Editores, 2004.

RIBEIRO, Helena Sofia da Silva Nunes Jales – *Outras Casas Portuguesas. Uma reflexão sobre o momento de revisão crítica da arquitetura moderna dos anos 50 e o seu contributo na arquitetura contemporânea*, Dissertação de Mestrado Departamento de Arquitectura da FCTUC Sob a orientação do Prof. Doutor José Fernando Gonçalves, Julho de 2010.

SALTEIRO, Ilídio Óscar Pereira de Sousa – *Do Retábulo, Ainda aos Novos Modos de o Fazer Pensar*, Doutoramento em Belas Artes – Pintura, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, Orientação do Professor Doutor João Manuel Rocha de Sousa e co-orientação da Professora Doutora Isabel Maria Sabino Correia, Lisboa, 2005.

TOSTÕES, Ana – *Arquitetura Moderna Portuguesa, 1920-1970*.

TOSTÕES, Ana – *Arquitetura Portuguesa do Século XX*, in PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa*, 3º volume, Lisboa, Circulo de Leitores, 1995.

TOSTÕES, Ana – *Cultura e Tecnologia da Arquitetura Moderna Portuguesa*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, IST, 2002.

TOSTÕES, Ana – *Igreja Paroquial de Águas*, in Ana Tostões (coord.) *Arquitetura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, Lisboa, OA, CCB, 2004 (excerto da página 136).

TOSTÕES, Ana – *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos anos 50*, Porto, FAUP, 1997.

